

**A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A ITECSOL/UNIJUÍ:
PRODUÇÃO E INTERLOCUÇÃO DE CONHECIMENTOS.**

Jaqueline S. M. Roberto;
Nadia Scariot
Ieda Zimmermann
(UNIJUÍ – Universidade Regional do
Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul)

RESUMO

A Incubadora de Economia Solidária, Desenvolvimento e Tecnologia Social – ITECSOL/UNIJUÍ-, desenvolve-se desde 2004 como um projeto de extensão universitária que visa articular a Economia Solidária com o desenvolvimento regional e as tecnologias sociais. Neste artigo buscamos historiar as diferentes etapas e metodologias que o projeto vivenciou nos últimos sete anos. Enfatizamos a produção e interlocução de conhecimentos e as interações entre empreendimentos econômicos solidários e os saberes acadêmicos, técnicos e profissionais da universidade tendo como aporte teórico autores que se preocupam com o processo coletivo de produção do trabalho para garantir a dignidade, autonomia, trabalho e renda dos sujeitos historicamente excluídos do convívio social – atores de sua práxis. O artigo estruturou-se enfocando quatro aspectos: o processo organizativo e educativo da Incubadora, o papel educativo das experiências associativas, a cooperação como possibilidade de recomeço, e a contribuição da extensão universitária.

37

PALAVRAS-CHAVE: Economia Solidária; Incubação de Empreendimentos econômicos; Aprendizagens coletivas.

**A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A ITECSOL/UNIJUÍ:
PRODUÇÃO E INTERLOCUÇÃO DE CONHECIMENTOS**

Jaqueline S. M. Roberto¹
Nadia Scariot²
Ieda Zimmermann³

O Projeto de Extensão: Incubadora de Economia Solidária, Desenvolvimento e Tecnologia Social - parte do Programa de Extensão Cidadania e Movimentos Sociais da UNIJUÍ - vem constituindo-se em um importante espaço de reflexão e educação, uma vez que oportuniza uma interação cooperativa com diferentes agentes da sociedade civil, bem como uma reflexão crítica sobre os mesmos.

O Projeto que iniciou em 2004, passou a contar com apoio material da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP -, através do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares – PRONINC. Nesses seis anos de atuação, a ITECSOL através do PRONINC, contou com dois projetos aprovados na íntegra, cuja execução levou dois anos. Atualmente, tem um projeto com status de aprovação no Sistema de Gestão de Convênios e Contratos de Repasse - SICONV.

As inconstâncias dos recursos financeiros, nunca foram empecilho para a ITECSOL/UNIJUÍ que sempre manteve o objetivo de associar a Economia Solidária com o desenvolvimento regional e as tecnologias sociais. Inicialmente, fez parte da Rede UNITRABALHO e a partir de 2009 passou a integrar a Rede ITCPs - Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares.

Suas atividades são desenvolvidas com base nos seguintes eixos: (a) Promoção/divulgação/articulação da Economia Solidária na Região Noroeste do RS; (b) Formação e capacitação de empreendedores, gestores públicos e (c) agentes de Economia Solidária e Redes de comercialização solidária. Cada um desses eixos agrega uma série de atividades, que são geradoras de conhecimentos, saberes e competências.

Como sujeitos, agentes cotidianos, atores apaixonados pela construção coletiva, entendemos um projeto como processo, e como tal deva ser fertilizado pela crítica e autocrítica de seus sujeitos, cujas autorias denunciam as especificidades das trajetórias, o singularismo das experiências, as diferenças e as nuances de concepções. Esta diversidade articula-se no processo democrático e participativo, produzindo, renovando e fecundando a sua caminhada. Tudo isso reporta à concepção de universidade assumida pela UNIJUÍ, cujo compromisso social é interagir no processo de desenvolvimento regional, produzindo, difundindo e trocando conhecimentos voltados às demandas hodiernas. Ou seja, a UNIJUÍ busca interagir no processo de desenvolvimento regional, em uma construção científica e cultural, através da promoção da educação em todos os níveis, refletindo e (re)significando o processo de desenvolvimento. Essas reflexões vão ao encontro de Azevedo (2000, p.93) para quem os acúmulos científicos e tecnológicos, embora concentrados e monopolizados pelos centros de decisões mundial, são patrimônios da humanidade. Resultam da construção de homens e mulheres na singularidade do ser humano em sua historicidade e sua capacidade de acumular e construir conhecimentos de superar-se cotidianamente, abrindo novos caminhos, novas perspectivas com a permanente transformação de suas condições de existência. Isso só terá eco se pensarmos uma sociedade cooperativa, cuja interação das diversas frentes de construção da cidadania se interligam.

38

Em vista disso, democratizar o conhecimento significa também o acesso à tecnologia necessária para uma vida melhor. Ao encontro dessas reflexões, historiamos o processo de incubação na UNIJUÍ.

1. O PROCESSO ORGANIZATIVO E EDUCATIVO DA ITECSOL

A ITECSOL dispõe de técnicos que trabalham na assessoria aos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES). A equipe constrói seu trabalho de forma coletiva e autogestionária – a partir do estudo e da análise de práticas, que são discutidas com frequência nos espaços semanais de reuniões, em momentos especiais de aprendizagem chamados de Ciclos de Estudos e também em espaços de diálogo com os departamentos da Universidade, com os poderes constituídos e com a comunidade em geral.

Alguns membros atuam na assessoria direta, realizando diagnósticos e planejamentos participativos, bem como auxiliam na organização de reuniões e atividades, outros envolvem-se nas ações de formação e apoio a todo o movimento da Economia Solidária. É uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que são realizadas ações específicas e/ou de caráter mais amplo em prol dos empreendimentos, também a Equipe envolvida absorve subsídios teórico-práticos que a fortalecem e enriquecem com ânimo e novos desafios, pois as ações não tem um fim em si mesmas, ao contrário, elas apontam novas necessidades, encontram caminhos e possibilitam um valoroso diálogo entre o meio acadêmico e os empreendimentos.

Podemos dizer, então, que a equipe que trabalha no Projeto é mediadora do conhecimento e da formação do sujeito-membro do empreendimento.

Os integrantes, além de construtores de saberes, também são aprendizes. Para Rotili (2006, p. 21), que fez parte da equipe técnica da ITECSOL, muitas metodologias foram construídas observando as fronteiras suadas e olhares desejosos de dignidade, dos trabalhadores dos empreendimentos, que buscavam na organização cooperativa uma forma de reconstrução da vida e do mundo. A autora destaca, ainda, que os profissionais que prestam serviços aos EES, para além de planejamento estratégico, metodologias de assessoria baseadas na autogestão e solidariedade, devem ter um olhar específico a cada realidade.

Cada olhar, cada ação desses profissionais são atravessados pela bagagem pessoal e cultural além da trajetória acadêmica, apontando áreas multidisciplinares, como, Administração, Antropologia, Ciências Biológicas, Comunicação Social, Contabilidade, Direito, Economia, História, Pedagogia, Serviço Social, Sociologia, entre outras, que se agregam às ações da ITECSOL, cada qual com suas peculiaridades e todas em busca de contribuir com o processo. Essa variedade agrega o gozo da diversidade, na qual todos são bem vindos e chamados a contribuir. O caráter interdisciplinar é um aspecto relevante na ITECSOL, desde sua constituição, e por este motivo muitos ainda se achem à Equipe.

Como processos orientadores para definição dos grupos incubados foram definidos alguns pré-requisitos simples, porém importantes, como a necessidade de o grupo atuar com características de um empreendimento solidário (mesmo que assim ainda não se identifique), ter a perspectiva de geração de trabalho e renda e estar disposto a participar de espaços de formação em Economia Solidária, entre outras.

O processo de incubação constituiu-se em três estágios - pré-incubação, incubação e pós-incubação. Inicialmente, as demandas formais dos empreendimentos são recebidas. Após, realiza-se um diagnóstico socioeconômico, que é avaliado coletivamente pela equipe e empreendedores, discutindo-se a viabilidade econômica e relevância social da proposta. A incubação dá-se através de planejamento estratégico e acompanhamento do empreendimento por assessores técnicos, que auxiliam nas suas reuniões, promovendo orientações e apoio sócio-familiar, buscando qualificar a viabilidade econômica, a autogestão e o desenvolvimento humano, em que são trabalhados os princípios do associativismo, cooperativismo, da autogestão, além de conhecimentos técnicos específicos. Após a consolidação desses EES, estes passam para a fase de pós-incubação, com ações mais pontuais.

Como EES em estágio de pós-incubação, citamos: Padaria Vida Nova, UNICOOS (União Cooperativa de Serviços) que atuou nas áreas de construção civil, confecção e serigrafia, ambas de Ijuí e a Ecos do Verde (Associação, Reciclagem, Educação Ambiental) de Santo Ângelo – RS. Passam pelo estágio de incubados os seguintes empreendimentos: Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Ijuí (ACATA), o segmento de derivados de cana-deaçúcar da Cooperativa de Agricultores Familiares Agroecológicos e Coloniais do Noroeste (NATUAGRO), ambos de Ijuí e a Cooperativa de Pequenos Produtores de Leite da Linha Gramado (COPEQ) de Panambi- RS. Consideramos em estágio de pré-incubação: um grupo que integra a Feira de Economia Solidária – FECONSOL - com aproximadamente 20 integrantes que participam mensalmente das edições da Feira no Campus da UNIJUÍ. Projeta-se ainda, para o ano de 2011 a incubação de dois novos grupos de Reciclagem de Ijuí, através do Programa REVIVA⁴. No campo da agricultura familiar, dois novos grupos estão em fase de diagnóstico e recebimento de demandas: Associação de Produtores de Coronel Barros e Associação de Feirantes do Assis Brasil de Ijuí.

Dentre os empreendimentos já incubados pela ITECSOL destacamos o trabalho desenvolvido em três linhas: reciclagem, agricultura familiar e artesanato.

Gonçalo Guimarães (2000, p. 111) ao trabalhar com a questão das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares parte do princípio de que a universidade, quando responsável pela proposição e execução de um projeto de intervenção econômica e geração de trabalho e renda, como a incubação de empreendimentos, acaba desenvolvendo de forma plena a extensão universitária.

Quanto à promoção/divulgação/articulação da ES, a Incubadora, busca contribuir efetivamente na promoção da Economia Solidária, através do apoio à realização de Fóruns Regionais na Região Noroeste Colonial e Alto Jacuí (realizados alternadamente em Ijuí, Panambi e Cruz Alta) e nas Regiões Fronteira Noroeste e Missões. Manteve-se ativa nos encontros dos fóruns gaúchos e nacionais.

A Incubadora também participou dos processos das duas edições da Conferência Nacional de Economia Solidária - CONAES. Na I CONAES – em 2006, a ITECSOL envolveu-se desde a fase regional até a fase nacional. Desse processo de articulação, podemos destacar a parceria com diversos empreendimentos, entidades de apoio, movimentos sociais e gestores públicos reafirmando o que versa seu documento:

a realização da Conferência Nacional de Economia Solidária, em 2006, e de seus processos preparatórios, nos Estados, representam um importante espaço de formação e difusão da Economia Solidária, além de contribuir para a definição de diretrizes que nortearão as políticas públicas de Economia Solidária (SENAES, 2006, p. 11).

No mesmo espírito, a II CONAES, realizada em junho de 2010, que resultou no documento - Pelo direito de produzir e viver em cooperação de maneira sustentável – veio de encontro ao trabalho desenvolvido pela ITECSOL, especialmente pelo o apoio aos fóruns e as redes de economia solidária, valorizando a intercooperação e o aprendizado mútuo. Conforme podemos observar no Documento Base da II CONAES:

O fortalecimento organizativo da economia solidária enquanto movimento, por meio do fortalecimento dos fóruns e redes, da criação e aprimoramento de empreendimentos econômicos solidários, das práticas e iniciativas de autogestão, de integração de setores da economia popular, de construção de redes e complexos de produção, comercialização, consumo e trocas solidários em que se tornam possíveis a ajuda, a intercooperação, o aprendizado mútuo entre os empreendimentos econômicos solidários (SENAES, 2010, p. 11).

40

Fortalecendo as experiências da Economia Solidária na Região, a incubadora foi responsável pela realização de quatro etapas do Mapeamento: 2004, 2005, 2007 e 2009. Nos três primeiros anos, a UNIJUÍ contribuiu no mapeamento das regiões Noroeste Colonial, Alto Jacuí, Fronteira Noroeste e Missões. Já no último ano a ITECSOL foi parceira à UNISINOS e mapeou toda a metade oeste do Rio Grande do Sul, revisitando os 377 EES já identificados e mapeando 372 novos grupos. Nesses quatro anos, atingiu um número de 749 EES classificados como de Economia Solidária no SIES5.

A divulgação sempre foi um importante instrumento para socializar as conquistas desse novo movimento. Desde o início do projeto, em meados de 2005, vem sendo enviados releases aos meios de comunicação, como, rádios, jornais, web sites e redes de TV. Nos dias atuais, essa prática permanece, acrescentando que semanalmente temos canais de mídia que buscam informações sobre os acontecimentos da ES, da ITECSOL e dos EES.

A ITECSOL lançou, em 2006, através dos Cadernos UNIJUÍ a Série Economia Solidária, objetivando sistematizar as experiências vivenciadas pelos EES, colaborando com os trabalhos de acadêmicos, pesquisadores e grupos de estudos. Até 2008, foram lançadas seis edições, com os mais diversos títulos: As raízes históricas da Economia Solidária e seu aparecimento no Brasil; I Conferência Nacional de Economia Solidária: Economia Solidária como Estratégia e Política de Desenvolvimento – do Documento Base ao Documento Final; Organizações Solidárias e Cooperativas: espaços de educação e bases da Economia Solidária e Associativismo: iniciativas que reforcem os laços sociais; Economia Solidária e Desenvolvimento Local; Emergência do Cooperativismo, Reestruturação do Capital e Economia Solidária e o Papel do Serviço Social em Empreendimentos

Solidários. A sexta publicação apresentou três títulos: a) Em torno de que solidariedade construir um novo contrato social? & Economia Solidária, educação e desenvolvimento, b) Processo educativo em Incubação de Economia Solidária: uma experiência, c) A Incubadora de Economia Solidária: um espaço educacional, sob a ótica de uma bolsista de extensão. Os cadernos foram comercializados via e-mail ou vendidos diretamente nos eventos relacionados à ES.

As atividades desenvolvidas pela ITECSOL sempre foram sistematizadas em relatórios, minutas ou tombamentos, as quais serviam como base para publicações de artigos, posters e as edições dos Cadernos UNIJUÍ. A escrita fazia parte do cotidiano das atividades sendo que estagiários, bolsistas, técnicos e professores extensionistas assumiam esse compromisso. Dessa maneira, no ano de 2010, iniciaram-se os trabalhos de toda a equipe, para a publicação de um livro: Economia Solidária: sistematizando experiências de incubação, que teve o apoio da FINEP e outros parceiros e estará disponível a partir de 2011.

Buscou-se contribuir com as práticas de incubação de empreendimentos econômicos solidários, compartilhar as experiências e historiar o modo como ocorre essa forma alternativa de desenvolver a economia na Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

A incubadora oferece cursos sobre economia solidária para gestores públicos, empreendedores e apoiadores e busca inserir os trabalhadores na rede formal de ensino (em especial nos programas de Alfabetização e EJA – Educação de Jovens e Adultos). Realiza parceria com entidades como Sistema S6 e outras universidades, para capacitações específicas (artesanato, inclusão digital, etc.). A incubadora também desenvolve oficinas aos EES mapeados e a todos os interessados na temática da Economia Solidária.

Já no ano de 2006, foi proporcionado aos EES, capacitações mais específicas, onde em parceria com a Universidade Regional Integrada – URI -, foi realizado um curso de Inclusão Digital para associados e familiares do Ecos do Verde. Aconteceram, também, curso de alfabetização para associados da ACATA, promovido pelo SESI, curso de capacitação em panificação para a Padaria Vida Nova, além de um curso de agroecologia e manejo de cana-de-açúcar para NATUAGRO, entre outras diversas capacitações específicas.

41

Segundo Paulo Freire, somente há aprendizagem quando o objeto passa a ser sujeito. Gutiérrez (1999, p. 111) destaca que no processo de formação do sujeito, emissores e receptores enviam e recebem mensagens, sendo assim, enriquecem e valorizam processo de auto-aprendizagem.

As organizações dos empreendimentos econômicos solidários são espaços de educação “espaços de educação política, tomando-se o seu sentido etimológico grego” (FRANTZ, 2006, p. 7). Para Frantz (idem), a política significa sair da individualidade para encontrar-se no coletivo, na comunidade, para debater, empreender. Ainda segundo o seu raciocínio, isso produz mudanças e transformações no ser individual, a experiência coletiva produz novos pensamentos, novos valores, novos comportamentos e novas ações.

A Economia Solidária, assim como as práticas cooperativas e associativas, representam processos de produção de conhecimento, educação e aprendizagens. “A educação é um fenômeno que acontece no espaço das relações sociais” (FRANTZ, 2006, p. 8). Ela acontece em todos os espaços que envolvam relações humanas e não apenas nos espaços formais, como a sala de aula.

Nessa perspectiva, os EES são espaços valorosos de saber popular, de construção de alternativas e de saberes cunhados na dureza da vida cotidiana, por vezes muito distantes das condições que julgamos ideais para essa ou aquela situação. Nos empreendimentos testemunhamos muitas dificuldades como a falta de acesso a serviços básicos de saúde, segurança, saneamento e condições de vida dignas. A baixa escolaridade traz limitações importantes. Porém, lá também presenciamos momentos de muita solidariedade entre os integrantes que, por compartilharem dos mesmos desafios, discutem aspectos de uma realidade que só conhecemos teoricamente. Produzem conhecimentos a partir das experiências de vida acumuladas e que ainda precisam ser sistematizadas.

Cabe destacar que as aprendizagens com os empreendimentos tem muito a ver com a forma como os grupos se organizam. Em nossas ações, estabelecemos prazos e etapas para cada ação/atividade, de forma quase mecânica. Nos momentos de contatos com os empreendimentos um dos primeiros desafios foi aprender a respeitar uma relação diferenciada com o tempo. Nosso tempo é um e dos empreendimentos é outro. Não é possível apressar algo que se pretende um processo educativo contínuo, efetivo, permanente e emancipador.

Foi preciso que a Equipe começasse por trabalhar aspectos simples para nós, mas desconhecidos para muitos, como o fato de ser necessário preparar uma reunião e /ou encontro, prever um espaço com condições mínimas, estabelecer pauta, horários e fazer encaminhamentos. Valorizar as discussões e encaminhamentos da cada reunião para que todos sentissem a necessidade de estar ali nos momentos marcados para concordar ou discordar dos encaminhamentos. O caráter de seriedade das reuniões é um aspecto que demora a ser elaborado nos empreendimentos, via de regra.

Um desafio importante para a Equipe foi a de trabalhar com a presença constante de crianças pequenas acompanhando suas mães nos encontros. Sabendo ser essa uma condição primeira para que as mulheres participem dos espaços, um dos desafios foi discutir com a Equipe e com os empreendimentos, formas de garantir atividades adequadas para cada grupo de acordo com a faixa etária. Muitas discussões não deram o retorno esperado, outras, porém, até surpreenderam como, por exemplo, uma Oficina de Desenhos realizada na ACATA, pelos acadêmicos do curso de Pedagogia da UNIJUÍ. Os materiais utilizados foram papel pardo, pincéis e tintas à base de água. Os desenhos foram de tal forma elaborados que acabaram servindo de enfeites para o momento de inauguração do Galpão de Reciclagem e, mais tarde, ilustraram a Revista periódica *Espaço da Escola* publicada pela Editora da UNIJUÍ. Ações simples e construídas coletivamente que resultaram em momentos de elevação da autoestima das mães e das crianças envolvidas, mais que isso, apontam para um processo educativo em amplo sentido, que contempla todos os atores envolvidos.

Os integrantes dos empreendimentos buscam a união e a coletividade, em função de suas necessidades e interesses pessoais. Formam laços sociais, de amizade e emoção e essa construção coletiva faz nascer a responsabilidade social e a solidariedade. Segundo Frantz (2006), os seres humanos educam-se pela comunicação crítica, pelo debate e argumentação, que envolve os mais diferentes modos de vida dos associados, a sua bagagem cultural. “A pedagogia é uma relação social, através da qual fluem forças, interesses, visões de mundo, ideologias, no sentido da socialização (...) na confluência das opiniões, no diálogo dos saberes, constrói-se a cooperação, processa-se a educação e define-se o sentido pedagógico” (FRANTZ, 2006, p.12).

A universidade é um espaço multidisciplinar de idéias e de posições antagônicas. Partimos do entendimento de Barbisan (2004, p. 16), de que a Universidade é orientada pela necessidade de integração livre e dinâmica com a sociedade. Não é possível que o conhecimento na sua dimensão universal fique restrito e limitado em seu interior. A extensão, aliada à pesquisa e ao ensino, preenchem essa lacuna, produzindo conhecimento e colocando à disposição da sociedade. Sendo assim, a ITECSOL/UNIJUÍ esforça-se por desenvolver seu papel no processo educativo universitário, pois além de gerar conhecimento, cuida de conseguir com que todos os envolvidos no movimento da Economia Solidária apropriem-se e desenvolvam novos saberes.

Em 1988, a Constituição Brasileira colocou a Extensão em igualdade com o Ensino e a Pesquisa, destacando sua importância e seu reconhecimento enquanto ciência. O Fórum Nacional de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras (1998) escreveu um dos documentos mais importantes para a extensão universitária, que diz: “A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico, que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade” (BARBISAN, 2004, p. 7). A comunidade acadêmica tem a oportunidade de encontrar, na sociedade, materialidade para a elaboração da práxis do conhecimento científico, através da discussão, da polêmica e do contraditório.

2. O PAPEL EDUCATIVO DAS EXPERIÊNCIAS ASSOCIATIVAS

Os EES, para além de seu sentido econômico, têm enfatizado constantemente o caráter educativo destas experiências. O associativismo, ao propor a vivência de práticas solidárias no desenvolvimento da economia, apresenta-se também como um espaço de ensinoaprendizagem, pois, na sociedade do capital, em que os valores predominantes são o individualismo e o hedonismo, a economia solidária nos ensina que, para fazermos uma sociedade mais justa e igualitária, é preciso aprender a sermos mais solidários e mais amorosos, conosco, com os outros e com o meio em que vivemos. É necessário aprender também que os valores humanos, a dimensão espiritual e ambiental, devem estar na base de nossa existência, e que é a partir destes que vamos pensar as relações sociais e a própria economia, partilhando resultados e conquistas. Se isso, num primeiro momento, parece ser utópico, insiste-se que isto é uma a-pren-di-za-gem.

A natureza do ser humano é complexa e ambígua. Ela é assim e não pode ser mudada. (...) A educação para a cooperação não deve ser dirigida no sentido de querer alterar a natureza humana, mas de possibilitar a construção de relações cooperativas, em vez de acentuar o individualismo. Em sua origem, o termo educação (*e + ducere*) indica para a superação do individualismo. Não da individualidade (FRANTZ, 2006).

O processo educativo que permeia a Economia Solidária, aliado a projetos de educação popular, ajuda o sujeito a compreender o mundo em que ele vive, fazendo-o perceber-se como efeito de um sistema que o explora, marginaliza e o torna descartável quando não consegue se integrar a ele. Porém, ao mesmo tempo em que discute as mazelas sociais, ao invés de conformar-se com elas, propõe e cria novas alternativas, a partir de novos valores de solidariedade e cooperação entre as pessoas.

Os empreendimentos associativos propõem a cooperação, não apenas no sentido de unir forças para minorar a situação de vulnerabilidade para poder novamente se inserir na sociedade, através do poder de compra e acesso aos bens materiais. A cooperação proposta pretende ser um movimento alternativo em que o consumo apareça, apenas, como necessário para saciar as necessidades humanas: comer, beber, vestir, morar, deslocar-se, entre outros,

sem, entretanto, apropriar-se destas necessidades e fazer delas o ponto de partida para outras tantas, criadas para justificar a venda de produtos no mercado capitalista.

Neste contexto, as associações de reciclagem, uma das linhas que se destaca no processo de incubação da ITECSOL, têm se apresentado como um espaço importante de reconstrução do trabalho e da vida coletiva em sociedade, possibilitando aos trabalhadores do lixo se re-apropriarem do processo de trabalho em sua totalidade. Este processo, no entanto, ocasiona uma mudança identitária na vida desses trabalhadores e trabalhadoras, que a partir dessa nova atividade – com o lixo – se deparam com a necessidade de terem que produzir sobre si e sobre seu trabalho uma nova aprendizagem, e, por conseguinte, aprender também uma nova relação consigo, com o outro, com o saber, com o trabalho.

3. A COOPERAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE UM RECOMEÇO

Diante da situação de dificuldade em que se encontram, muitos se conformam e se “acostumam”, por entenderem que as coisas são assim mesmo, melhor seria dizer, por não entenderem que pode ser diferente. Outros, porém, não contentes e não conformados com a situação, perguntam-se por alternativas possíveis para fazer o enfrentamento da situação. Nesta busca por soluções, encontram na forma associativa possibilidades de recomeçar.

É válido destacar que grupos se formam em muitos momentos da história para resolverem problemas pontuais como buscar ajuda para esse ou aquele problema, reivindicar aumento de salários, construção de estradas, greves, protestos e/ou outras infinitas ações. Geralmente, esses grupos se desfazem tão logo os objetivos são alcançados. O que observamos no movimento pela

Economia solidária é que há muito mais em jogo que simplesmente garantias financeiras. O que está se propondo a construir é um novo modelo de relações sociais em que o homem está em primeiro lugar, onde os valores como solidariedade e cooperação são aspectos fundantes de qualquer ação. São princípios. Nos empreendimentos incubados pela ITECSOL acompanhamos mudanças importantes de postura em relação às reuniões, aos objetivos dos grupos e à vida em amplo sentido.

Os integrantes dos empreendimentos que participam de espaços de formação começam a discutir política, economia, cooperativismo, e as razões pelas quais muitos estão vivendo sem ter assegurado direitos sociais básicos. Importante é a constatação de que as mudanças alcançadas são de caráter coletivo, envolvendo espaços como os Fóruns de Economia Solidária, que fortalecem o movimento em caráter nacional.

Andrioli (2001, p. 26), em seus estudos sobre as práticas cooperativas, pergunta: “qual é a explicação para a atitude cooperativa dos seres humanos?”. Em resposta ele mesmo considera que “é a necessidade que gera a relação cooperativa entre os homens. Ou seja, quando o ser humano se torna consciente de sua incapacidade de resolver individualmente um problema que lhe diz respeito, a tendência é solicitar o auxílio de seu semelhante”. E, na sociedade capitalista em que vivemos, com valores cada vez mais individualistas, o apoio dos semelhantes parece ainda tornar-se possível, a partir dos empreendimentos associativos.

No caso da ACATA, para exemplificar, esse auxílio também foi solicitado. Para uma minoria, e em parte apenas, a intenção era constituir uma associação com a finalidade de torná-la um *locus* de reflexão, de trabalho, um meio de vida, enfim. Porém, para a maioria a associação passou a representar a possibilidade de continuarem sendo tutelados, agora não mais pelo Estado, mas pela universidade – a UNIJUÍ –, que também representa o instituído. Importante desconstruir⁷, com eles, a idéia de que precisam ser sempre “carregados” por outrem. Identifica que esta é uma das primeiras aprendizagens a serem desenvolvidas.

44

Entre as tantas dificuldades enfrentadas pelos empreendimentos associativos também está a desconfiança entre os membros e o sentimento de competitividade. Para Rodríguez (2002, p. 354) “o trabalho na cooperativa pode gerar laços de solidariedade que reduzem a falta de confiança nos companheiros e no resto das pessoas alheias ao círculo familiar que caracteriza os recicladores”.

Na intenção de romper com os tutelamentos, reforçar laços de solidariedade, minimizar sofrimentos desses sujeitos e resgatar a confiança entre os associados, as assessorias se apresentam como capazes e preparadas para dar um novo direcionamento a esses entraves sociais. Comumente, porém, tanto na visão dos assessores quanto dos “participantes”, estes “*precisam sempre dos outros pra tá se assessorando*”, como diz um participante de um empreendimento assessorado pela ITECSOL.

4. A CONTRIBUIÇÃO DA UNIVERSIDADE

Referindo-se ao papel desempenhado pelas pesquisas acadêmicas e aos trabalhos desenvolvidos pelas extensões universitárias, Garcia e Valla (1996) asseveram que estas nem sempre têm conseguido ler as experiências populares. Não raras vezes acontece que o conhecimento acadêmico, ao fazer uma leitura dos conhecimentos populares, acaba subalternizando estes conhecimentos quando tenta interpretar as falas populares, impedindoas de se revelarem:

Será suficiente conhecer a realidade dos grupos com os quais se trabalha para que se possa transmitir informações, ou seria necessário mais do que isso? E o que é “conhecer a realidade dos grupos”? Será que a solução é simplificar a mensagem, “enxugar os conteúdos”, como tantas vezes fazem as professoras? Haveria possibilidade de construção de um novo conhecimento, que seja resultado de uma relação desigual entre as partes?

Será possível estabelecer um diálogo construtivo e respeitoso entre os saberes acadêmicos e os saberes populares, diálogo que ultrapasse a desigualdade estrutural das classes, dos gêneros, das raças e etnias, que rompa com a distância artificialmente criada pelos que se colocaram “em cima” e os que foram colocados “embaixo”? (Garcia, Valla, 1996, p. 10) .

Na mesma linha de raciocínio de Garcia e Valla, pode-se conjecturar: os trabalhos de assessoria, realizados pelas extensões universitárias, são realizados com base em longos e sérios anos de dedicação à pesquisa, na intenção de compreender a realidade, para que, de posse desse entendimento, se possa intervir sobre ela. Uma das conclusões a que se chegou é a de que a promoção da cooperação torna possível o resgate dos vínculos sociais, através do trabalho e da convivência solidária. Esses saberes são repassados aos segmentos marginalizados como sendo a solução para os problemas destes. No entanto, muitas vezes não se leva em consideração que, assim como o pesquisador precisou de tempo para compreender a realidade, com suas relações, também o sujeito oprimido terá que ter seu tempo de descobertas respeitado. Em muitos casos, senão na maioria, isso não é levado em consideração, o que faz com que as assessorias se adiantem e desenvolvam as atividades que deveriam ser feitas por eles, e justifiquem seu adiantamento pela necessidade de enfrentar os problemas constatados como a geração urgente de renda para os grupos envolvidos nestes processos. É preciso problematizar com os excluídos essa busca constante, e prioritária, pelo aumento de renda. É certo que ela é urgente, mas, enquanto não se respeitar o tempo necessário para construir seu próprio entendimento, de pouco valerão os investimentos em

projetos sociais, pois está se intervindo apenas nos efeitos e não no problema, em si. Talvez, isto explique o porquê de as associações que em tese deram “certo” demorem em média dez anos para se consolidarem.

No afã de ajudar-lhes a assegurarem a sobrevivência imediata, estar-se-ia conseguindo fazer também a reflexão necessária, capaz de desafiar a prática dos catadores e decorrentes formas de ação, a qual os ajudará a compreender o lugar que ocupam na sociedade? Ou se estaria apenas reforçando a idéia de que sempre vão precisar de alguém para lhes guiar e mostrar o caminho? E quando, e onde, será o limite para deixá-los seguirem autonomamente se eles não foram desafiados a construir esta autonomia? Retomando Andrioli (2001), que afirma que é a necessidade que cria a aproximação entre as pessoas para a cooperação, nestes casos, poder-se-ia dizer que a necessidade de aproximação se daria apenas por dependência?

Esse tipo de pensamento pode ser constatado em 2006 na fala do então presidente da associação, quando este comentou:

Qual é o maior problema da Acata hoje?

Problema da Acata? Ah!... são tantos problemas que eu não sei nem por onde começar... o maior problema da ACATA é dinheiro, né, porque certamente as coisas, parece que funciona só quando tem dinheiro... e também nós precisava de tê um patrocínio firme de alguém que esteja a fim de ajudar (Entrevista Presidente ACATA - 2006).⁸

Considerando o exposto acima, no caso da ACATA, percebe-se que pesquisadores educadores trataram a questão da mesma forma: considerou-se que o problema maior dela era a impossibilidade de manutenção da vida biológica dos catadores envolvidos e que, para tanto, a solução seria a criação de formas que possibilitassem o aumento imediato de suas rendas, através da coleta conjunta de materiais recicláveis e busca por melhores condições de compra e venda desses produtos. A questão que se coloca, no entanto, é: diante da grande desistência do número de associados e das várias e constantes dificuldades constatadas pela Incubadora em relação a este empreendimento, houve tempo e condições para o catador fazer suas sínteses? Será de se esperar que elas se assemelhem às dos intelectuais?

Não tem nem como dizer como, depende, porque se eu tivesse essa receita já tava funcionando bem, como era pra sê. Isso a gente vai aprendendo, construindo conforme o tempo esse aprendizado, porque eu nunca tinha passado por um processo assim... ainda mais de ser sócio de uma entidade, quanto mais assumi uma entidade... e realmente a mesma coisa os outros, o restante dos sócios nunca também tinham

passado (Entrevista Presidente ACATA - 2006)9.

Corroboramos a afirmativa de Falkembach (1987, p. 30):

enquanto o grupo vai fazendo, vai aprendendo, vai descobrindo coisas, vai conquistando vitórias, no seu bairro, na sua localidade, no seu município. Vai conquistando a parte que lhe cabe, que ele tem direito de possuir, mas que até hoje está em outras mãos. E com isso vai-se organizando.

Conjecturas à parte, de um modo geral, o cooperativismo se apresenta como uma possibilidade de reinserção econômica dos trabalhadores excluídos e também os convoca a uma participação política mais atuante na sociedade.

Nas palavras de Frantz (2003, p. 7-8) as cooperativas são:

organizações que se instrumentalizam, constituindo-se em um empreendimento comum com vistas a alcançar objetivos econômicos específicos, mas com significados e reflexos políticos, sociais, culturais. O sentido econômico é a base do empreendimento, mas na dinâmica de sua organização e funcionamento nascem outras dimensões, consolidam-se outros significados. Através do impacto da existência e da atuação de uma cooperativa sobre o meio social que a abriga ou dela participa, são construídos significados de ordem cultural, educativa, política. Desse modo, organizações cooperativas também constituem campos de educação e espaços de poder.

Para além de possibilitar a reinserção econômica dos trabalhadores no mercado de trabalho, uma experiência associativa deve ser compreendida e vivenciada, sobretudo por seus integrantes, como sendo um espaço de aprendizagens, de ação e reflexão sobre o seu trabalho e sobre sua condição de excluídos.

Retomando e prosseguindo com palavras de Andrioli:

O cooperativismo é decorrente de uma necessidade comum entre as pessoas e da consciência da superação conjunta de problemas, com vistas à obtenção de benefícios aos que cooperam. Para que ocorra o cooperativismo, portanto, são necessárias condições objetivas e subjetivas. A condição objetiva é a situação vivenciada geradora de problemas; a condição subjetiva é a tomada de consciência de que os problemas são comuns e de que, com a união, é possível superá-los, proporcionando vantagens mútuas. O processo de tomada de consciência e de organização é educativo, gerando conhecimento e sociabilidade (Andrioli, 2001, p. 31).

Os empreendimentos, portanto, são espaços concretos de formação de capital humano qualificado para estabelecer relações entre os problemas de sua comunidade e suas possibilidades de ações dada a organização coletiva, organizada, democrática, desejosa de mudanças. E esse processo é profundamente pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos grandes objetivos da ITECSOL enquanto projeto de Extensão Universitária é mediar a interlocução de conhecimentos de caráter científico e popular, estreitando relações entre o meio acadêmico e empreendimentos formados, via de regra, por integrantes de grupos historicamente desfavorecidos. Os projetos desenvolvidos propiciaram aos integrantes da Equipe, juntamente com os empreendimentos, a possibilidade de debater conceitos há muito dado como estabelecidos em nossa sociedade, tais como: a naturalização da pobreza, marginalização da atividade de coleta de material reciclável, preconceitos de raça, cor, gênero e muitos aspectos da desigualdade social. Enquanto espaço educativo, de interlocução, a Equipe envolvida pode testemunhar o germinar de sementes de esperança nos empreendimentos. Nestes, pessoas passaram a valorizar a discussão coletiva, o direito a voz e voto, começaram a assumir responsabilidades e a responder por elas. Num processo crescente de aprendizado e construção de cidadania.

Certamente, muito ainda há pela frente, a caminhada está apenas começando em nossa região. Porém, certo é que a equipe que integra a ITECSOL colhe nas ações que realiza a certeza de que é nobre trabalhar com empreendimentos formados por pessoas dispostas a intervir na realidade posta. As atividades de extensão confirmam a importância de estar presente, com todo suporte acadêmico, nos bairros, nas vilas, nos grupos organizados pelas pastorais sociais, nas escolas, interagindo com pessoas nas suas atividades diárias, em seus locais de moradia, conhecendo as dificuldades e prazeres da vida cotidiana. Provar dessa dinâmica nos rende experiências muito ricas e qualifica as ações nos empreendimentos.

Os empreendimentos, por sua vez, tem se concretizado em espaços de trocas de saberes, de construção de lideranças. A organização coletiva tem elegido naturalmente homens e mulheres convocados a dialogar com a sociedade, confirmando um novo olhar sobre as atividades de reciclagem. No momento em que há um chamamento em nível mundial para questões como o cuidado com o ambiente natural, observamos a importância das atividades de extensão contribuindo com a formação dessa nova consciência.

REFERÊNCIAS

- 1 Técnica da ITECSOL. Graduada em História e Acadêmica do curso de Direito, ambos pela UNIJUÍ
- 2 Professora Extencionista da ITECSOL. Mestre em Educação nas Ciências. Professora de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da UNIJUÍ.
- 3 Técnica da ITECSOL. Acadêmica de Serviço Social. Mestre em Educação nas Ciências.
- 4 O Programa Socioambiental REVIVA - Reciclagem, Vivência e Valorização, iniciou em 2009 através de um convênio entre a Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Ijuí e a ITECSOL com o objetivo de agregar valor ao trabalho desenvolvido pelos recicladores do município, especialmente os beneficiários do Bolsa Família. Atualmente o Programa REVIVA se desenvolve articulando esses trabalhadores em associações por núcleos, em diversos bairros da cidade.
- 5 Segundo o Atlas da Economia Solidária no Brasil (2006, p. 10), o “SIES é um sistema de identificação e registro de informações dos empreendimentos econômicos solidários e das entidades de apoio, assessoria e fomento à economia solidária no Brasil”.
- 6 Sistema S é o nome pelo qual ficou convencionado de se chamar ao conjunto de onze instituições que representam categorias profissionais, estabelecidas pela Constituição Brasileira, como SESC, SENAC, SENAI e outros.
- 7 Desconstrução, para o pós-estruturalismo, é compreender como as coisas foram construídas e se tornando legítimas.
- 8 Entrevista Presidente ACATA-2006.
- 9 Idem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRIOLI, Antonio Inácio. **Trabalho coletivo e educação**: um estudo das práticas cooperativas do PCE – programa de cooperativas nas escolas da fronteira noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. 2001. 223 f. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2001.
- AZEVEDO, José Clóvis de. **Escola Cidadã**: desafios, diálogos e travessias. Petrópolis, RJ: Vozes. 2000.
- BARBISAN, Aluí Oliveira, [et al.] **Avaliação institucional da extensão**. Porto Alegre: Os autores, 2004.
- GARCIA, Regina L; VALLA, Victor V. A fala dos excluídos. **Caderno CEDES**. Centro de Estudos Educação e Sociedade. n. 38 São Paulo: Ed. Papirus, 1996.
- GUIMARÃES, Gonçalo. In SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de. **A Economia Solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.
- GUTIÉRREZ, Francisco; GADOTTI, Moacir. **Educação Comunitária e Economia Popular**. 2. ed. São Paulo. Cortez, 1999.
- FALKEMBACH, Elza M. F. **Planejamento Participativo e movimentos sociais**. Ijuí: Livraria Ed. Unijuí, 1987.
- FRANTZ, Walter. **Caminhos para o desenvolvimento pelo cooperativismo**. Série Cooperativismo nº 5. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003. (Coleção Cadernos Unijuí).
- _____. **Organizações Solidárias e Cooperativas**: esforços de educação e bases da Economia Solidária. Série Economia Solidária nº 3. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2006. (Coleção cadernos Unijuí).
- MTE, SENAES, Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Atlas da Economia Solidária no Brasil**. Brasília, 2006.
- _____. **I Conferência Nacional de Economia Solidária. Documento final**. Brasília, Junho de 2006.
- _____. **II Conferência Nacional de Economia Solidária. Documento final**: Pelo Direito de Produzir e Viver em Cooperação de Maneira Sustentável. Brasília, Junho de 2010.
- RODRIGUEZ, César. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v.2. p. 329-368.
- ROTILI, Ana M. **Associativismo**: iniciativas que reforçam os laços sociais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.